Lembrando Santo Tomas de Aquino

Palestra proferida no Instituto do Ceará pelo sócio-efetivo, Raimundo Aristides Ribeiro, em data de 20 de junho de 1975.

Senhor Presidente. Srs. Sócios do Instituto.

Alguém poderia estranhar os motivos que conduzissem um sócio do Instituto do Ceará a proferir palestra sobre Santo Tomás de Aquino. Talvez esse alguém se perguntasse que relacionamento poderia haver entre esta Casa, de objetivos definidos em matéria de História, de Geografia e de Antropologia, com uma corrente filosófica dos séculos XIII e XIV, e, notadamente, quando muita coisa já se disse de novo, através de tantas e tão mais novas correntes de pensamento, conhecidas como: criticismo, idealismo, positivismo, pragmatismo, intuicionismo, existencialismo, estruturalismo, para referir-me somente às de maior destaque no pensamento moderno.

Preliminarmente, devo esclarecer que a Filosofia, tendo por finalidade o conhecimento da universalidade das coisas pelas suas razões mais simples e mais gerais; e como dentro desse anseio de conhecimento se encontram as coisas que tocam mais de perto a própria natureza humana, a sua vivência, os seus objetivos e o seu destino, conclui-se que as ciências humanas envolvendo assuntos históricos, geográficos e antropológicos não se encontram assim tão alheias às investigações filosóficas. E a História da Filosofia está aí para nos atestar que o espírito humano não descansa enquanto não chega a uma explicação definitiva sobre os problemas que preocupam a comunidade dos seres racionais.

Atendida, assim, a primeira "dúvida metódica", por mim mesmo suscitada, passo à segunda "dúvida", relacionada com o interesse que poderia despertar a Filosofia Tomista, em um século trabalhado, como o nosso, por inúmeras correntes de pensamento, algumas convergentes entre si; outras, divergentes, inconciliaveis e conflitantes com o pensamento tomista...

Obviamente, eu não poderia apresentar um trabalho onde expusesse as convergências e divergências do pensamento filosófico moderno com o de Santo Tomás, não só porque para tanto "me faltam engenho e arte", como seria matéria para uma equipe de estudiosos especializados, e que pretendesse encher uma Biblioteca. Entretanto, tenho como finalidade neste modesto trabalho demonstrar a PERENE ATUALIDADE DA FILOSOFIA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO.

Início soliciando a atenção de meus ilustres e eminentes pares para o fato histórico do Renascimento, comumente admitido como se tendo iniciado no século XV, após o prolongado mergulho das civilizações greco-romana nas ondas revoltas das hordas "barbaras", que invadiram a Europa, a partir do século V.º.

Acontece, porém, que tal limite histórico não reproduz a realidade do desenvolvimento cultural daquela época, porquanto é fora de dúvida, que o RENASCIMENTO FILOSÓFICO, nos séculos XIII e XIV, com Tomás de Aquino, Alberto Magno, Boaventura, e os árabes, Avicena, Averroes e Alfarabi, entre outros, constituiu um extraordinário e autêntico movimento cultural, genuino precursor do Renascimento literário e artístico dos séculos XV e XVI.

Apenas a Filosofia — como cúpula do pensamento universal — antecipou-se de cêrca de dois séculos aos demais desenvolvimentos culturais.

Dentro desta perspectiva, como se observa, a Filosofia não parece assim tão estranha a atividade intelectual deste sodalício, o que me pro-

porciona o ensejo de abordar, de maneira perfunctória embora, uma das mais extraordinárias obras já produzidas pela inteligência humana.

Senhores: Em 1974, celebrou-se, em todos os centros intelectuais do mundo, notadamente na Europa e nos Estados Unidos, mesmo naqueles de feição não-católica, o 7.º centenário da morte de Santo Tomás. Entre nós, no Ceará, não houve, ao que me conste, manifestação pública neste tocante.

Esta é a razão por que eu trago para o Instituto do Ceará, não o intuito de produzir uma conferência a respeito do grandioso pensador cristão, mas um rápido registro, a fim de que se recorde, não obstante os sete séculos que escoaram sobre sua obra, ser ela ainda de uma atualidade impressionante.

Muito já se escreveu sobre Santo Tomás nessas festas comemorativas de sua morte. Aliás, comumente falando, ou seja, dentro de uma conotação meramente humana, comemorar-se a morte de alguém até parece um contrasenso; mas, dentro da filosofia cristã, a comemoração da morte é que é a verdadeira, a mais coerente, porquanto é com a morte que o cristão **nasce** para a Vida Eterna, e começa a sua Verdadeira Vida.

Evidentemente, Senhores, se eu me proponho falar sobre a **atualidade da filosofia tomista,** terei de apresentar, pelo menos, um suscinto escorso biográfico de Tomás de Aquino, mostrando-o na simplicidade e no esplendor de sua trajetória humana.

Filho dos Condes de Aquino, "consorciava, no sangue, a nobreza longobarda e a fibra dos chefes normandos." Mas desde cêdo, renunciou a todas as grandezas da terra, para ser o que sonhava ser no seu íntimo, obediente à vocação do alto.

Venceu com galhardia heróica as fraquezas do sexo. Renegou a opulência. Só possuiu na vida dois amigos: o Crucifixo e o livro. A mocidade viveu-a em Napoles, de onde passou à Roma e de Roma a Paris, já então tendo ingressado na Ordem dos Pregadores. Aos 25 anos já era chamado **magister** e era convocado para as disputas entre filósofos e teólogos.

As Universidades que então surgiram, como criação exclusiva da Igreja Católica, e as Ordens Religiosas foram a barreira que a Fé levantou contra a onda devastadora do êrro. Em 1215, o espanhol Domingos de Gusmão instituia a Ordem dos Pregadores, cinco anos depois de o "Poverello" de Assis haver lançado as bases da Ordem dos Franciscanos. Francisco de Assis era a oração, a pobreza, o bom exemplo. Domingos era a dialética, a eloquência, a persuasão pela força do pensamento e da palavra. Tomás de Aquino reunia, em sua extraordinária individualidade, todas as virtudes franciscanas e dominicanas, mesclando, de maneira admirável, as doçuras da contemplação interior às necessidades de firmar a doutrina nos alicerces da inteligência, relacionando-a com as filosofias anteriores, mostrando a compatibilidade de Fé com a razão, e, fazendo desta a **ancilla fidei,** ou seja, a **serva da Fé.**

Franciscanamente, Tomás de Aquino renunciou, além das glórias do mundo, as próprias honrarias de sua Madre Igreja, ao recusar, reiteradamente, o chapéu cardinalício (o que poderia tê-lo conduzido — quem sabe? — ao Sumo Pontificado), e, **dominicanamente,** produziu a mais extraordinária obra filosófica e teológica de todos os tempos. E quem assim se manifesta, são dois homens de pensamento, absolutamente insuspeitos, porque **não-católicos:** o filósofo e grande jurista alemão, Von Ihering, e o mundialmente célebre economista francês, Charles Gide, pronunciamentos que eu terei a satisfação de aqui reproduzir, tão-logo passe a demonstração da tese do presente trabalho, que é a **atualidade da Filosofia de Santo Tomás.**

Sobre a sua imensa obra, faço uma síntese do que sobre a mesma escreveu o tomista francês, J. Mandonnet, ao confessar, com assombro, não fosse a certeza histórica que possuimos, e não poderíamos imaginar e nem conceber que um homem, morrendo com menos de cinquenta anos e vivendo no meio de debates e discussões, em que viveu, pudesse produzir tão grande número de estudos e tratados.

Existem, autenticados devidamente, noventa e oito volumes da autoria de Santo Tomás, computando-se separadamente, para efeito deste cálculo, as diversas partes da Suma Teológica e os chamados **Quodlibet,** assuntos diversos, versados sobre livre escolha. A obra de Santo Tomás se divide em várias espécies de escritos: comentários aos livros de Aristóteles, estudos isolados sobre questões filosóficas, como o "De Ente et Essentia", "De Principiis Naturae", de "Aeternitate Mundi", "De Potentia", "De Unitate Intellectus"; resumos dos debates por ele travados em várias escolas e, por fim, estudos hermenêuticos sobre as Sagradas Escrituras. A cúpula desse edifício é formada pelas duas Sumas: a Teológica e a Contra Gentiles.

A filosofia tomista é o conjunto de princípios e teses, resultantes de uma codificação posterior a Santo Tomás. Ela hoje já existe sintetizada, claramente exposta e até vulgarizada em compêndios em idioma nacional.

A tarefa intelectual, que se propôs Santo Tomás, foi a da refundição da filosofia de Aristóteles: aceitando a maioria dos postulados do Stagirita, o Doutor Angélico, em alguns pontos, retificou a concepção peripatética e procurou, depois, estabelecer, com esse conjunto de princípios da pura razão humana, a harmonia do pensamento natural com o pensamento iluminado pela fé. É este o sentido de sua obra, da qual se pode também dizer que é o mais perfeito consórcio do gênio grego com o gênio latino, da Helade pagã com o Ocidente cristianizado. Nascida num século de crítica e de combate, ela timbra em ser, antes de tudo, uma reivindicação do poder da mente humana, uma afirmação do valor da inteligência e do prestígio que lhe devemos conferir. Santo Tomás considerava mais perigosos os ataques à razão do que os ataques à fé. Por isso a sua filosofia é eminentemente racional e já foi chamada de **filosofia do senso comum.** A chancela do seu gênio se denuncia na harmonização desse monumento com o monumento do dogma e na defesa, inteiramente nova, do patrimônio espiritual da Igreja pelas fôrças naturais da razão. A filosofia de Santo Tomás não é por isso mesmo, nem mística, no sentido de propiciar os enlevos contemplativos; nem abstrusa, como a poesia dos "desligados" da vida real. É uma filosofia clara, inteiriça, homogênea, palpável e apreensivel, desde que a inteligência se habitue à disciplina rigorosa em que ela deve ser vasada para maior firmeza de sua dialética: — o método escolástico, erroneamente malsinado pelo pedantismo e pela ignorância indígena e alienígena.

Srs. consócios, até aqui demonstrei em rápido bosquejo o que representou Santo Tomás no diálogo com as filosofias de sua época. Mas, indaga-se, se é possível um diálogo do tomista com as filosofias de nossa época. Ou ainda, podemos nós hoje dialogar com ele, ou deixá-lo serenamente descansar entre os mortos ilustres do passado?

Preliminarmente, procedamos a uma sintética exposição da Filosofia Tomista, para, posteriormente, responder a essas questões.

Santo Tomás, que se aprofundara no conhecimento de todas as multifárias e multiformes correntes de pensamento do passado e de sua época, representadas pelos epicuristas, pitagóricos, sofistas, atomistas, eleáticos, estóicos, céticos, platônicos, peripatéticos e romanos, além das distorções de seus coevos representantes das filosofias árabes, judaicas e dissidentes

da própria escolástica, restaurou, em primeiro lugar, a razão humana em seu verdadeiro papel.

Abraçando, como Aristóteles, um realismo moderado, nunca despresa os dados da experiência e jamais adianta afirmações gratuitas. Parte dos fatos e dos axiomas e, mediante uma série de raciocínios, que se distinguem pelo vigor da lógica, pela limpidês dos têrmos e pela meticulosidade das distinções, às vezes sutis, chega a conclusões, que formam o corpo do que podemos chamar, sem que se leve a mal este consórcio de vocábulos, o "racionalismo cristão". Nota-se que ele não desce da montanha da fé para a planície da inteligência. Não. A filosofia tomista é uma ascensão gradativa e, por isso, começa, na planície, pela análise do veículo, de que se vai servir na caminhada: o conhecimento humano. Reproduzindo a lógica peripatética, Santo Tomás nos ensina, pela **teoria da** abstração, o processo intelectivo, demonstrando como o nosso conceito é reflexo abstrato das coisas e a sua universalização. Todos os conceitos são classificados em dez predicamentos ou gêneros supremos, que são as célebres categorias de Aristóteles: substância, quantidade, qualidade, relação, ação, paixão, localização, duração, posição e hábito. Ali é que nos aparece o silogismo como forma na qual se cristaliza o raciocínio perfeito. A técnica da demonstração apodítica, que parte de princípios evidentes para gerar a certeza absoluta, é, então, estudada amplamente. Neste pórtico da filosofia, o tomismo responde à desordem intelectual do mundo, que procura evadir-se da realidade das coisas, que destrói depois a hierarquia das faculdades humanas, e, por fim, proscreve o raciocínio, para substituí-lo pelo impulso do sentimento e do instinto, ou pelo vago palpite da consciência, arvorado por muitos em critério da verdade. O erro do vitalismo bergsoniano encontra ai a sua réplica, porque o conhecimento, de acordo com a prova tomista, é uma assimilação vital do sujeito cognoscente com o objeto conhecido, mas sem que se estabeleça o paradoxo cartesiano e do próprio Bergson, que nos levaria a identificar o eu e o não eu. Estudando o ser, o tomismo lança as bases de uma ciência transcendental, que o mundo contemporaneo timbra em desconhecer: a metafísica. Ai, as noções de ato, que é a perfeição; e de potência, que é a capacidade deperfeição; de substância e de acidente; de matéria e forma sofrem a análise rigorosa de todo o seu conteudo. Aristóteles é superado neste ponto, porque Santo Tomás explana, como o não fizera o grego, a distinção entre essência e existência, da qual deriva a distinção fundamental entre o Ser Necessário, que é Deus, Ato puro, Perfeição Infinita, e os sêres criados e contingentes, que tanto poderiam ser como não-ser, e que se individuam pela matéria prima, "signata quantitate". Já, a esta altura, deparamos a réplica à abolição arbitrária do Ser Divino, que caracteriza todo o materialismo negativista. A Metafísica, firmando uma série de conclusões importantes, sobre o ser, vai projetá-la no ser vivo e surge, então, a Psicologia, ciência da alma. Encarando o ser dotado de "ação imanente" (magistral definição tomista da vida), estabelecemos a união substancial da alma e do corpo que se juntam, como matéria e forma, como ato e potência. A moderna psicologia, que confunde princípio espiritual como o seu princípio material, é assim antecipadamente refutada, enquanto se envereda mais a fundo pelos escaninhos da própria alma, para concluir, dada a sua natureza imaterial, pela sua imortalidade.

Firmada esta conclusão, meus senhores, todo o naturalismo contemporâneo desmorona fragorosamente às marteladas da própria razão humana, que essa corrente hipocritamente diviniza. As tendências subversivas de todos os regimes políticos, oriundos de uma concepção errônea da personalidade humana, naufragam também. Porque, salientando, mais uma vez, a nobreza da faculdade intelectiva. Santo Tomás, aponta-nos nela a razão do livro arbítrio, escrevendo, então, numa síntese de gênio, este

argumento decisivo contra todas as modalidades e variações do determinismo materialista: "Tota ratio libertatis est in intellectu constituto". (A própria constituição da inteligência é a razão da existência da liberdade). Vem após, a parte cosmológica do tomista, ridicularizada por muitos, porque Santo Tomás cita, em abono de suas teorias, as convicções científicas do seu tempo. Mas o bom senso, que as inspira, nas linhas gerais, tornou-as independentes das afirmativas, que a ciência hoje contesta. Tanto faz admitir ou não o geocentrismo de Ptolomeu, a teoria de Laplace, a experiência de Foucault, o cálculo de Einstein sobre a paralaxe das estrelas, a teoria atômica e, já agora, a eletronica, e a cibernética, que nenhuma dessas teorias nos fará recusar a composição substancial dos corpos, do ponto de vista ontológico, isto é, como resultantes da união da matéria prima com a forma substancial, e, mais, a doutrina perene da finalidade de todos os sêres, sejam quais forem as suas variedades físicas. Os desvios morais da humanidade hodierna, a Ética tomista os retifica, através de argumentação sempre racional, sem recurso algum ás verdades da Revelação.

Para Santo Tomás o fim do homem é a consecução da felicidade e a felicidade é a posse do bem. Um ato é moral ou imoral, enquanto nos afasta ou aproxima da consecução dessa finalidade. Exteriormente, a moral se exprime na lei, que "é uma ordem da razão promulgada para o bem-comum pela autoridade legítima". Entramos assim na moral política, onde Santo Tomás aponta, como formas plausiveis de governo, as mesmas formas de nossa época, mas salientando que a bondade de um governo nunca depende da sua forma, mas do seu devotamento ao bem comum. A sociedade tende, como o homem, para a felicidade, mas esta nunca será atingida, nem pela tirania, nem pela desordem. Não é necessário frisar como esses princípios de bom senso, magnificamente explanados na Summa, são atuais e atendem à crise moral da sociedade e dos governos.

Senhores consócios: Depois de estudar o pensamento humano, a natureza do ser, a alma, o cosmos e a sociedade, Santo Tomás nos leva ainda e sempre, pela força da inteligência pura, ao estudo de Deus.

E note-se essa singularidade: não somos convidados a acreditar que Deus existe. A existência de Deus não reclama de nós um ato de fé. E a razão que no-la demonstra, com a mesma evidência das verdades matemáticas, servindo-se das célebres **cinco vias** de Santo Tomás, os cinco argumentos sólidos e irrefutáveis com que o Tomismo se opõe, apoiado sempre no raciocínio, ao agnosticismo e ao materialismo dos nossos dias, os últimos dos quais são alcunhados de existencialismo, de estruturalismo e de marcusianismo. Cinco provas, que é pena não podermos transportar para esta palestra em toda a sua integridade: a primeira deduzida da existência do movimento; a segunda, da noção da causa eficiente; a terceira, do conceito de necessidade e de possibilidade; a quarta, da gradação que se observa em todos os seres; e a quinta, do próprio governo das coisas e de sua ordenação a um fim.

Não seria possivel, Senhores, esquematizar, em rápida síntese, o pensamento filosófico de Santo Tomás, sem que o encerrasse com essa sua monumental Teodicéia ou Teologia Natural.

Mas, a essa altura voltemos a repisar a indagação inicial: qual o relacionamento de tudo isso, dessa extraordinária organização do pensamento medieval com aquilo que se pensa nos dias de hoje? A distância histórica que nos separa não nos apresentará um Tomás de Aquino, não só dificil, mas impossivel de entender, porque o nosso horizonte é outro, e os problemas que se nos apresentam são de tal modo novos, que fracassará toda a tentativa de falarmos com ele?

Tentaremos abordar essa inquietante interrogação assinalando que, a partir de Descartes, os filósofos começaram a se fechar na sua inteligencia, como se essa faculdade pudesse agir desprendida do ser, resultando daí uma contraditória multiplicidade de sistemas a se chocarem uns com os outros, na balburdia do mais desatinado subjetivismo!

Aliás, — diga-se de passagem — o próprio Descartes, ao alicerçar o seu sistema filosófico em sua célebre "dúvida metódica": — **"Cógito, ergo sum"**, isto é, **"eu penso, logo existo"**, partiu de uma premissa falsa, porque, obviamente, qualquer pessoa **só pensa porque existe,** e não **"existe porque pensa"**, e isto por que há prioridade de **ser sobre o próprio pensamento**...

As filosofias sucederam-se umas às outras, passando os sistemas a ser uma **questão de moda.** Até há pouco tempo, a moda era o **existencialismo:** hoje passou a ser o **estruturalismo,** devendo este logo mais ceder a palma a outra **"coisa mais atual"**, se é que tal já não aconteceu nesse emaranhado de teorias filosóficas, pretensas orientadoras do pensamento humano.

Depois de Descartts tivemos tantas modalidades de racionalismo, que a **"verdade das coisas"** desapareceu ante à preocupação de cada filósofo em **ser original** e criar uma **nova filosofia.**

Meus Senhores: Nenhum desses fautores de sistemas filosóficos modernos desconhece ou deixou de dialogar com Santo Tomás de Aquino.

Emmanoel Kant, o pai do sistema idealista alemão e do qual derivaram tantas outras correntes do pensamento contemporâneo, dialogou com Santo Tomás a respeito do **conhecimento.** Contrapôs às leis tomistas da abstração, os seus famosos e aleatórios **"juizos sintéticos-apriori"**, da "Crítica da Razão Pura". Mas o que significou a sua posterior "Crítica da Razão Prática", senão a aceitação implícita de várias teses tomistas? Não foi por acaso que uma "razão-prática" modificou uma supostamente tão-abalizada "razão-pura"...

Não é possível estabelecer paralelo entre Santo Tomás e as demais correntes materialistas (iluministas, positivistas e naturalistas), entretanto pretendo fazer sumária referência ao **existencialismo** e ao **estruturalismo,** representados por Sartre, Heidegger, Kierkegard, Webber, Umberto Eco e Lévi-Strauss.

Incontestavelmente, em toda essa mundividência que discute problemas fundamentais sobre **conhecimento, verdade, ser, liberdade,** mesmo que eles divirjam e não digam a mesma coisa, a respeito da análise fenomenológica, mesmo discutindo a filosofia da angústia Kierkegandiana, ou o **desespêro** marcusiano, quer imergindo na denominada "estrutura ausente" de Umberto Eco, e, inclusive no seu universo de signos, de sinais, sentidos, códigos, mensagens e informações semiológicas (sinal), quer discutindo o famoso "pensamento selvagem" (la pensée sauvage) de Lévi-Strauss, um dos corifeus do estruturalismo, nada, mas nada mesmo escapa ao universalismo tomista, dentro de seus mais caleidoscópicos aspectos. Todas essas divagações do espírito humano, por mais amplas que sejam no tempo e no espaço, terão como ponto-de-referência, queiram ou não queiram, a Filosofia Tomista, para apoiá-la ou para combatê-la. Mas ninguém pode, simplesmente, desconhecê-la e nem ignorá-la, especialmente depois que Leão XIII e Pio XI inspiraram, em muitos casos, de maneira indireta, a mais completa restauração ou vivificação do Pensamento Tomista, em todas as Universidades Européias.

Não resisti à tentação de dar uma demonstração do que seja o **pensamento selvagem,** colhido na Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss.

Afirma o autor: **"O pensamento selvagem"** é o pensamento da ordem, mas é um **pensamento que não pensa.** Só são inteligiveis os arranjos num

nível inconsciente; compreender não consiste em retomar intenções de sentido, em reanimá-las por um ato histórico de interpretação que se inseriria, de próprio, numa tradição contínua. (Cf. pág. 169 de "Estruturalismo" de Luiz Costa Lima).

Há muitos conceitos revolucionários ininteligiveis no **"estruturalismo"**, advindos de Sartre, e, em última análise, de Marx e de Kant.

Ora, Senhores, tudo isto é a antítese da estrutura lógica, que disciplina o pensamento de Santo Tomás.

Volto mais uma vez a reafirmar que todos esses autores de **novas** e sofisticadas filosofias de vida não conseguiram reduzir Santo Tomás á simples tábula-rasa. Eles poderão fingir que o desconhecem — porque sempre foi esse o comportamento mais adotado para quem prefere evitar confrontos perigosos — mas naquela centelha da consciência individual desses "inovadores de filosofias", o Doutor Angélico possui a sua tácita valoração. Somente os espíritos sinceros e bem-intencionados, que se integram nos estudos filosóficos **pela própria Filosofia**, e não como "novidadeiros", esses fazem jus à pujança intelectual do Aquinense.

E a prova do que lhes afirmo neste instante está contida na surpresa causada aos pensadores modernos pelo conhecimento das doutrinas genuinas de Santo Tomás, por tanto tempo ignoradas no mundo leigo. Refiro-me, de início, aos não-católicos: o jurista e sociólogo, RUDOLF VON IHERING e o economista CHARLES GIDE, aos quais acrescento um outro igualmente insuspeito, o holandês VAN DER VLUGT.

Inicio pelas explosões de entusiasmo de Von Ihering. Escreveu ele estas palavras no prefácio à segunda edição de sua célebre obra, — "A FINALIDADE DO DIREITO": "Recriminaram-me com razão a ignorância das doutrinas de Tomás de Aquino, mas com muito mais razão se podem acusar os filósofos modernos e os teólogos protestantes de haverem esquecido os pensamentos másculos deste espírito vigoroso". E acrescenta ele, que não professa o catolicismo: "Agora que o conheço, admiro-me como foi possivel que verdades como as que ele professou viessem, entre os sábios protestantes, a cair no mais completo olvido. Quantos erros se teriam evitado se houvessem com fidelidade conservado as suas doutrinas! Quanto a mim, **creio que se as houvesse conhecido antes, não teria escrito o meu livro.** As idéias fundamentais que desejava publicar já se acham expressas com clareza perfeita e notavel profundidade nesse pensador robusto."

Outro protestante, o grande economista Charles Gide, exaltou a atualidade do tomismo com estas palavras: "A renascença da escola católica do tomismo torna hoje indispensável o estudo dessas doutrinas que se julgavam fósseis, e que desenterradas parecem tão vivas e semelhantes às atuais, que nos maravilhamos de ver quão pouco progresso temos feito."

E o filósofo holandês, VAN DER VLUGT, igualmente não regateia os seus encômios: "Que surpresa para quem não conheceu Santo Tomás, senão pelas informações malévolas de outrem e que um belo dia entra em contacto imediato com ele na leitura de suas obras! Um homem deste porte não pertence a uma geração, pertence a todos os séculos..." (Apud. Pe. Leonel França, in "NOÇÕES DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA" 1943).

E nem se diga que no período destes últimos trinta anos algo mudou, em matéria de filosofia, que significasse **alta novidade** merecedora de aprofundadas investigações ou ameaçasse imprimir novos rumos às especulações filosóficas ... O próprio **existencialismo** e o seu mais recente derivativo, o **estruturalismo**, com suas aporias, esitações e pretensões de expansão nos mais variados domínios da atividade humana, possui suas

origens profundas no super-homem e nas **dúvidas** de Frederico Nietzsche, **na teoria da angústia**, de Kiekegaard e no **potenciamento vital** de Schopenhauer.

Não vale mudar as regras do jogo, quando essa pretensa mudança não tem por fundamento a realidade objetiva das coisas.

Prezados consócios. Encerrando esta dissertação — que, com certeza, se faz por demais enfadonha — afigura-se-me haver demonstrado a ATUALIDADE DA FILOSOFIA DE SANTO TOMÁS no sentido próprio da expressão, isto é: como ponto-de-referência inquestionavel do pensamento moderno.

Em suma: pode-se discutir Santo Tomás e discordar-se de sua concepção filosófica; mas ninguém pode desconhecê-lo e nem ignorá-lo, por mais que adote a mais simulada ou sofisticada atitude de menosprêso.